

---

# Consumo e utilização de recipientes cerâmicos no arrabalde ocidental da Lisboa islâmica (Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros e Mandarin Chinês)

JACINTA BUGALHÃO\*  
SOFIA GOMES\*\*  
MARIA JOÃO SOUSA\*\*\*

## R E S U M O

O projecto de investigação POILIX decorre desde 1999. Os seus objectivos foram o aprofundamento do conhecimento sobre as produções cerâmicas de duas olarias, a nível tipológico, formal, tecnológico e arqueométrico, bem como a avaliação da sua importância nos contextos cerâmicos de Lisboa e seu território envolvente. Neste trabalho, apresentam-se os conjuntos cerâmicos recolhidos nos contextos habitacionais e/ou domésticos.

## R É S U M É

Le projet d'investigation POILIX s'est déroulé depuis 1999. Ces objectifs étaient l'approfondissement des connaissances sur les productions céramiques de deux ateliers, dans ce qui concerne leur caractérisation typologique, formelle, technologique et archéométrique, aussi bien que l'évaluation de leur importance dans plusieurs contextes céramiques islamiques de Lisbonne et de son territoire d'influence. Dans cet article, nous présentons les ensembles céramiques exhumés dans les contextes d'habitat et/ou domestiques.

## 1. POILIX – O projecto de investigação

O projecto “POILIX – Produção oleira em Lisboa, no período islâmico” teve a sua génese em duas intervenções preventivas de arqueologia urbana – Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros (NARC-BCP) e Mandarin Chinês (MC) –, na Baixa de Lisboa, que decorreram entre 1991 e 1996 (NARC-BCP: 1991-95; MC: 1992-96). O projecto foi financiado e apoiado pelo IPA.

No período islâmico esta zona ribeirinha encontrava-se intensamente urbanizada, integrando o arrabalde ocidental da cidade. Foram identificadas essencialmente estruturas habitacionais e domésticas e estruturas artesanais de produção oleira.

A estratégia de investigação, preconizada pelo POILIX, consistiu em caracterizar as produções cerâmicas, de modo a avaliar a sua relevância no universo das peças islâmicas recolhidas, recorrendo-se a três abordagens distintas, mas complementares: a técnica – processos e técnicas de fabrico; a formal – classificação tipológica – funcional; a laboratorial – análise química de pastas. Esta metodologia foi aplicada aos materiais provenientes dos contextos oleiros (Bugalhão, Gomes e Sousa, 2003; Bugalhão, Sousa e Gomes, 2004) e, num segundo momento do qual este trabalho é resultado, aos restantes conjuntos cerâmicos recolhidos em ambiente de consumo e/ou utilização nos dois sítios.



Fig. 1 Carta arqueológica de Lisboa e seu território envolvente: 1. Núcleo Arqueológico da Rua dos Correios (NARC-BCP); 2. Mandarin Chinês (MC).

## 2. Consumo e utilização de recipientes cerâmicos (contextos habitacionais e domésticos)

Relativamente aos conjuntos cerâmicos recolhidos em ambiente de consumo e utilização, foram estudados 13 contextos habitacionais e domésticos: fossas detríticas, fossas estruturadas, conjuntos habitacionais pavimentados e conjuntos de fundações (Bugalhão e Folgado, 2001), num total de 49 unidades estratigráficas e 10 687 fragmentos cerâmicos.

Cada contexto será objecto de enquadramento estrutural (quando este existir) e sequência estratigráfica. Saliente-se que, na grande maioria dos casos, os contextos em estudo se encontram em condições de conservação e preservação muitíssimo precárias (atendendo às características urbanas do sítio e à sua densidade de ocupação), registando-se um grau muito elevado de perturbação estratigráfica e estrutural. Aliás, um grande conjunto de contextos estruturais e estratigráficos foi excluído deste estudo por não oferecer garantias de integridade arqueológica apesar de, por vezes, ter fornecido materiais cerâmicos de cronologia islâmica, em alguns casos, de qualidade e em bom estado de conservação.

Os conjuntos cerâmicos foram objecto de contabilização integral com base na morfologia dos fragmentos e nas categorias técnicas e decorativas.

Quadro 1. Consumo/utilização de recipientes cerâmicos no NARC e MC: contabilização geral de fragmentos cerâmicos														
Sítio	Núcleo Arqueológico da Rua dos Correios											Mandarin Chinês		Totais
Contextos	A	B	D	E	F	H	I	J	L	N	U	R	S	
Comum	1 388	245	387	2 510	1 979	396	139	249	137	490	258	195	97	8 470
Pintada a Branco	261	88	62	361	286	57	115	114	14	143	66	41	12	1 620
Vidrada	105	30	18	74	13	13	6	44	2	16	17	4	7	349
Pintada a Vermelho	13	1	1	37	13	4	9						1	79
Brunida	1	8	2	10	1	2	5	10		4	5	5	1	54
Decorada	2	2	1	8	21	2	4	1	7	4		1		53
Corda Seca parcial	4						18							22
Verde e Manganês					2		8				2			12
Pintada a Negro	1	1	1	4	1							1		9
Chacota	8	4												12
Corda Seca Total	1	1		2										4
Manual			1					2						3
Totais	1 784	380	473	3 006	2 316	474	304	420	160	657	348	247	118	10 687

Foi igualmente calculado o número mínimo de exemplares por tipos em cada contexto, contabilizando-se um total de 950 exemplares. Esta abordagem metodológica contribui para uma caracterização da natureza de cada unidade estratigráfica em análise. Contudo, comporta igualmente alguma margem de erro se considerarmos que a análise tem por base o fragmento cerâmico (e não peças completas ou quase completas). Por um lado, sabe-se que alguns tipos cerâmicos diferentes apresentam semelhanças morfológicas entre si; por outro lado, um fragmento não permite a integração inequívoca numa categoria técnico-decorativa (por exemplo, um fragmento de bordo em cerâmica comum, não exclui a possibilidade de o resto da peça conter pintura ou outro tipo de decoração). Apesar destas limitações, considera-se que esta abordagem apresenta aspectos muito positivos no tipo de análise genérica dos contextos que se pretendia, daí a sua implementação.

Os conjuntos cerâmicos serão classificados pela sua dimensão, considerando-se contextos grandes (n.º mínimo de exemplares > de 200), médios (n.º mínimo de exemplares entre 100 e 200), pequeno (n.º mínimo de exemplares entre 50 e 100) e muito pequeno (n.º mínimo de exemplares < 50). Refira-se que esta tipificação se refere à situação em que os contextos foram escavados, ou seja após serem sujeitos a todos os factores pós-deposicionais que necessariamente os alteraram.

Na composição dos contextos cerâmicos foi ponderado o número de categorias tipológico-funcionais e técnico-decorativas em presença, como forma de aferir as suas características, funcionalidade e diacronia. A presença de marcas de fogo com origem na utilização dos recipientes (nem sempre é fácil distingui-las dos vestígios de origem pós-deposicional) foi igualmente objecto de contabilização, de forma a contribuir para a caracterização funcional das peças e dos próprios contextos.

### 2.1. Contexto A

(NARC; Sector 3NE; N21/O21; Camadas 10A, 11,12, 13, 14, 15, 16, 18 e Desmontagem Muro 11)

Este contexto integra um compartimento intervencionado parcialmente, numa área aproximada de 2,5 x 3 m, cujas dimensões totais não foi possível determinar. Quanto às paredes de delimitação do compartimento, apenas foi identificado com segurança um pequeno troço de uma parede

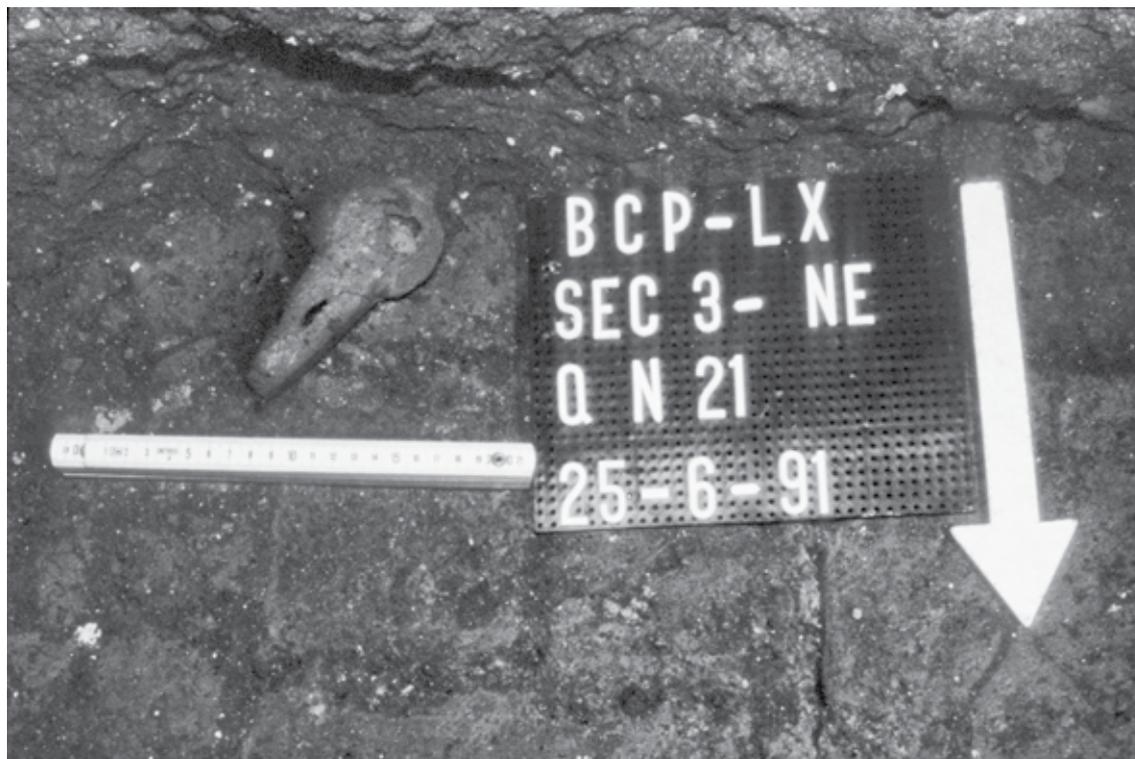


Fig. 2 Contexto A, com candil n.º 18.

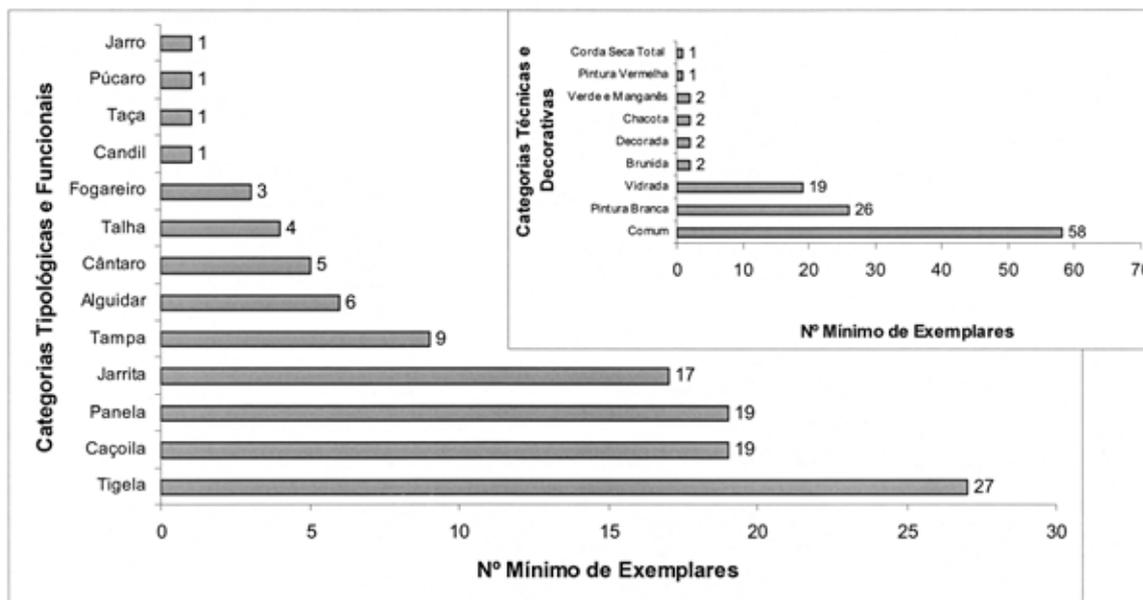


Fig. 3 Consumo/utilização de recipientes cerâmicos no Contexto A.

de pedra calcária (com cerca de 50 cm de comprimento e de largura indeterminada), à qual confluía perpendicularmente uma estrutura em tijolo (com cerca de 1 m de comprimento e de largura indeterminada), cuja funcionalidade não foi possível determinar. Este compartimento encontrava-se pavimentado com tijoleira quadrangular (26 x 26 cm), em muito mau estado de conservação.

O contexto A possuía uma estratigrafia islâmica “longa” e sucessiva que incluía estratos sobre (1 unidade estratigráfica) e sob o pavimento (8 unidades estratigráficas) e vala da construção da parede a cima referida (1 unidade estratigráfica). Há ainda a referir que, aparentemente, este compartimento se sobrepunha a uma fossa detritica estruturada (Contexto B).

No que respeita ao espólio cerâmico, trata-se de um conjunto de dimensão média (n.º mínimo de exemplares: 122) e bastante diversificado (presença de 8 categorias técnico-decorativas e 14 categorias tipológico-funcionais), no qual 26% dos fragmentos apresentam marcas de fogo.

Salienta-se a presença de um candil identificado sobre o pavimento (Fig. 27, n.º 18). Nos níveis inferiores ao compartimento foi igualmente recolhido um número elevado de pequenos fogareiros (nomeadamente, os n.ºs 4110 e 4119, Fig. 24), uma peça interpretada, hipoteticamente, como lanterna (Fig. 27, n.º 71), uma taça vidrada trípode (Fig. 25, n.º 4126) e uma jarrinha (Fig. 25, n.º 4123).

Concluindo, a este compartimento pode ser atribuída uma funcionalidade habitacional, devendo a sua construção remontar ao século XI (cfr. tigela decorada a verde e manganés n.º 4132, Fig. 25, recolhida na sua vala de fundação), sobrepondo-se a uma sucessão de estratos, onde a cerâmica de cozinha constitui 50%, a de mesa 40% e a de armazenamento 8%. Verifica-se a presença de peças enquadráveis em fases mais recuadas da ocupação islâmica, podendo os estratos mais antigos remontar ao século X (agradece-se as indicações transmitidas pela Dra. Isabel Cristina Fernandes), constituindo estes os vestígios mais antigos de ocupação islâmica do arrabalde ocidental de Lisboa. Este conjunto integra alguns exemplares de peças fabricadas a torno lento, peças vidradas com uma grande diversidade de óxidos (branco, amarelo, melado claro, melado esverdeado, verde), peças com vidro parcial irregular (normalmente castanho) e peças de cerâmica comum de fabrico muito cuidado, por vezes com pintura vermelha e branca.

## 2.2. Contexto B

(NARC; Sector 3NE; N20; Camadas 17A, 17C, 18)

Como foi referido, este contexto é constituído por uma fossa estruturada. A estrutura foi “escavada” nas estruturas industriais romanas (Bugalhão, 2001, p. 85), tendo sido construído um pequeno muro em blocos calcários e basálticos (com cerca de 40 cm de largura) a fim de delimitar um pequeno compartimento de forma oblonga, com cerca de 180 x 70 cm de dimensão. A fossa tomaria lugar sob compartimento acima referido (Contexto A).

O contexto integra 3 unidades estratigráficas, sendo que 2 são interpretadas como valas de fundação da própria estrutura e 1 como nível de ocupação/utilização. No que respeita ao espólio cerâmico, trata-se de um conjunto de muito pequena dimensão (n.º mínimo de exemplares: 43) e pouco diversificado (presença de 6 categorias técnico-decorativas e 8 categorias tipológico-funcionais), no qual 26% dos fragmentos apresentam marcas de fogo.

Neste contexto, a cerâmica de cozinha constitui 47%, a de mesa 44% e a de armazenamento 9%, sendo que os materiais se enquadram cronologicamente entre o século XI e a 1.ª metade do XII. Poderá tratar-se de uma estrutura de despejo ligada uma latrina que não subsistiu.



Fig. 4 Contexto B.

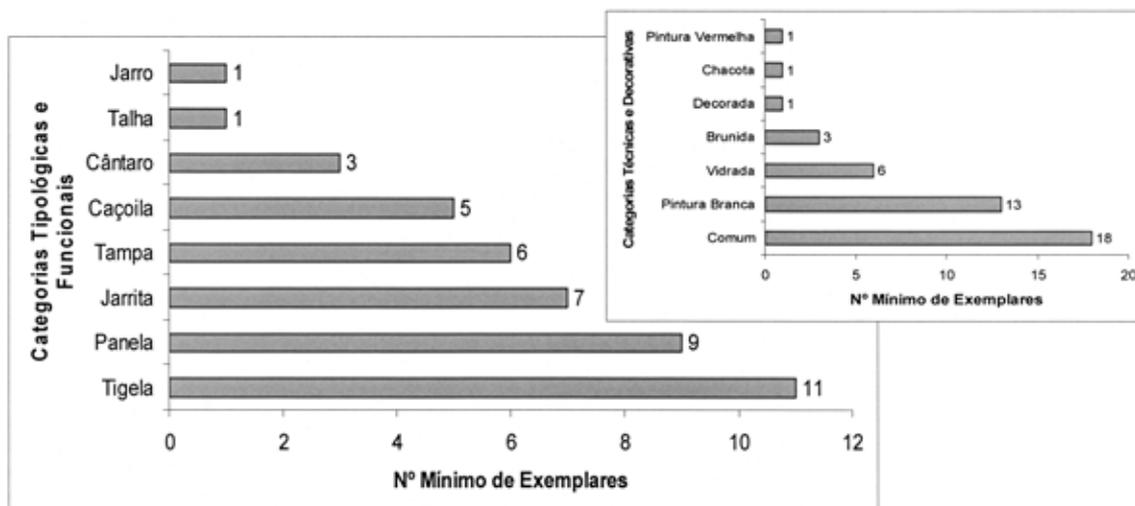


Fig. 5 Consumo/utilização de recipientes cerâmicos no Contexto B.

### 2.3. Contexto D

(NARC; Sector 2 NE; L13-14/M13-14; Camadas 12, 13, 14. M14, Camada 7)

Este contexto é constituído por um conjunto de quatro unidades estratigráficas, de alguma forma incaracterísticas, sem relação inequívoca com estruturas arqueológicas, uma vez que as fundações identificadas neste sector se encontram muito destruídas, não sendo possível garantir a sua cronologia (poderão ser islâmicas ou medievais-cristãs) e a sua relação com os estratos aqui analisados.

No que respeita ao espólio cerâmico, trata-se de um conjunto de pequena dimensão (n.º mínimo de exemplares: 58) e de diversidade média (presença de 7 categorias técnico-decorativas e 10 categorias tipológico-funcionais), no qual 39% dos fragmentos apresentam marcas de fogo.

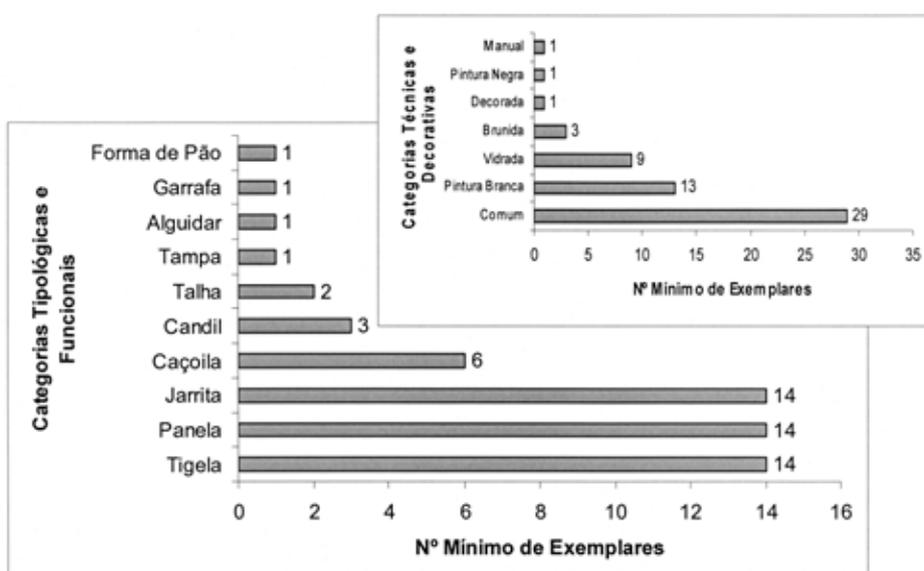


Fig. 6 Consumo/utilização de recipientes cerâmicos no Contexto D.

Neste contexto, a cerâmica de cozinha constitui 38%, a de mesa 52%, a de armazenamento 3% e a de iluminação 5%. Salienta-se a presença de 3 candis (nomeadamente, o n.º 327, Fig. 27) e de uma placa em cerâmica manual interpretada como forma de pão (Fig. 24, n.º 4128)<sup>1</sup>.

O contexto reveste-se de alguma singularidade devida à proporção incomum entre a cerâmica de mesa e cozinha. Os materiais enquadram-se cronologicamente entre o século XI e a 1.ª metade do XII.

#### 2.4. Contexto E

(NARC; Sector 2SO; Área 12; Planos 9-12, 10, 11 da Camada 7. Área 15, Plano 100-150 da Camada 135; Planos 150-200 e 200-250 da Camada 136; Plano 150-200 da Camada 138)

O contexto E integra um conjunto de fundações, que embora muito deterioradas, permitem vislumbrar uma construção com orientação NO-SE e três compartimentos contíguos, embora apenas um de planta perceptível (210 x 170 cm). As fundações têm uma espessura média de 70 cm e integram blocos calcários e cerâmica de construção. Não foi identificado qualquer nível de pavimento. À semelhança do referido para o Contexto A, este conjunto sobrepõe-se a uma fossa detritiva estruturada (Contexto F) e pode relacionar-se com o outro conjunto de estruturas (Contexto H). Este contexto integra 7 unidades estratigráficas relacionadas com o conjunto estrutural.

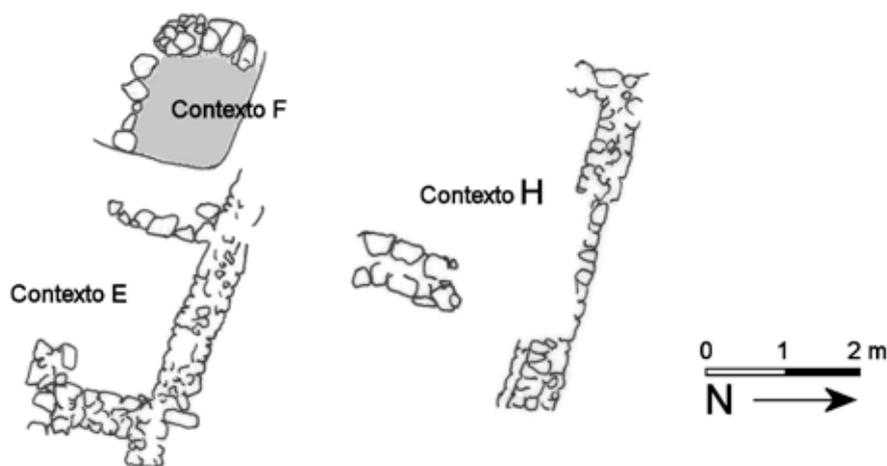


Fig. 7 Planta de estruturas dos Contextos E, F e H.

No que respeita ao espólio cerâmico, trata-se de um conjunto de grande dimensão (n.º mínimo de exemplares: 230) e diversificado (presença de 8 categorias técnico-decorativas e 13 categorias tipológico-funcionais), no qual 38% dos fragmentos apresentam marcas de fogo.

Neste contexto, a cerâmica de cozinha constitui 44%, a de mesa 41% e a de armazenamento 14%. A dimensão do conjunto sugere uma ocupação habitacional intensa e/ou longa, incidindo sobre os séculos XI e XII (1.ª metade). Contudo, refira-se que o contexto poderá remontar ao final do século X, cronologia atribuída à jarrinha pintada a vermelho n.º 3447 (Fig. 25) (Bugalhão e Gómez Martínez, 2005, p. 252). Atendendo à dimensão do conjunto, as cerâmicas de consumo mais seleccionado (por exemplo, a corda seca e o verde e manganês) estão fracamente representadas, o que poderá indiciar um nível sócio-económico modesto dos seus ocupantes.

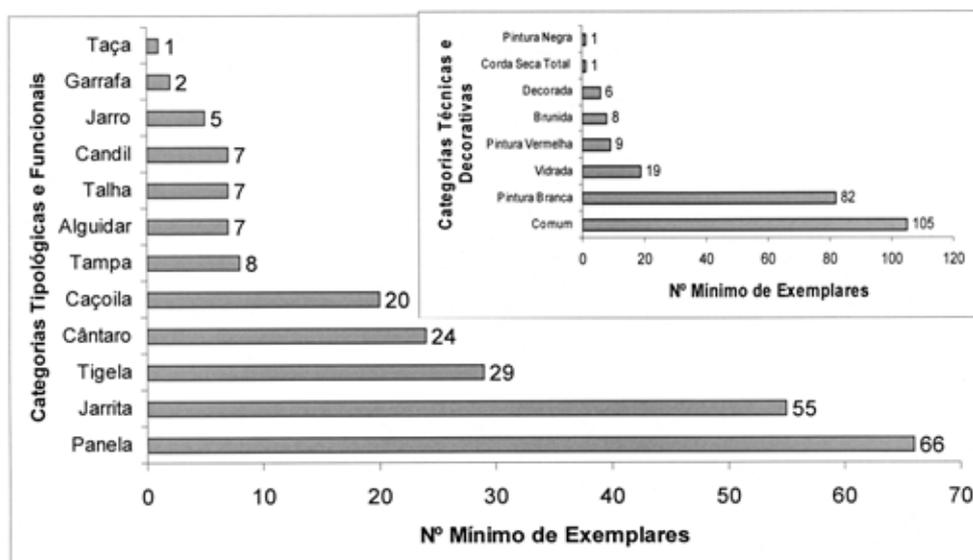


Fig. 8 Consumo/utilização de recipientes cerâmicos no Contexto E.

Salientam-se uma tigela em corda seca total (Fig. 25, n.º 3449), datável da 1.ª metade do século XII, cinco candis (Fig. 27, n.ºs 3270, 3271, 3275, 3279 e 4160), uma jarrinha pintada a vermelho, datável do século X (Fig. 25, n.º 3147) e uma tigela pintada a vermelho, datável do século XI (Fig. 25, n.º 4164).

### 2.5. Contexto F

(NARC, Sector 2SO; Área 12; Planos 12, 13, 14, 15, 16, 17 e 18 da Camada 78)

Como foi referido, o Contexto F refere-se a uma fossa estruturada implantada sob o Contexto E. Nesta estrutura (Fig. 7), foi reaproveitado um canto de uma cetária romana (sem atingir o seu fundo) e construído um muro semicircular (com cerca de 50 cm de largura), em blocos calcários, criando um espaço de forma subquadrangular, com 150 x 130 cm de dimensão (Bugalhão, 2001,

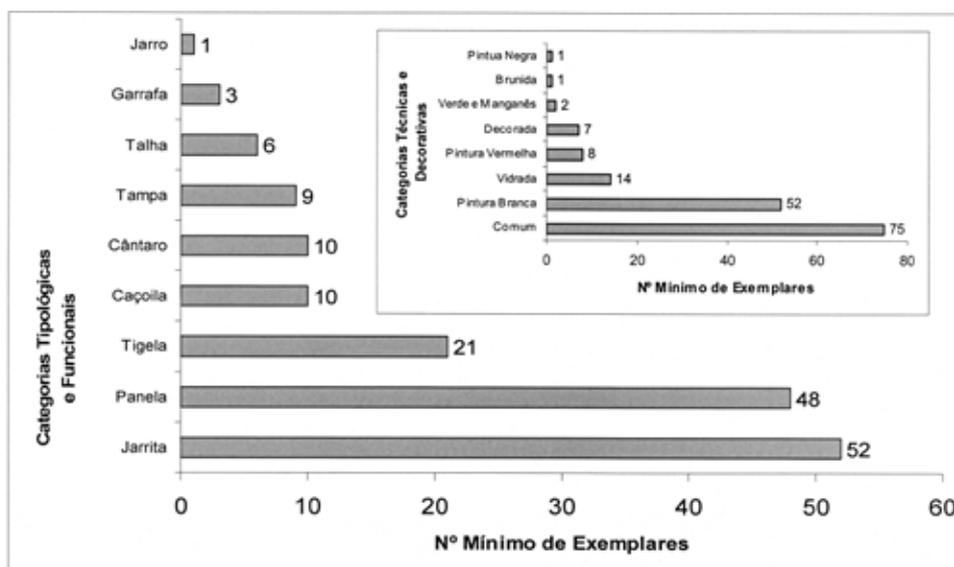


Fig. 9 Consumo/utilização de recipientes cerâmicos no Contexto F.

p. 134). Estratigraficamente, o contexto integra 7 unidades que preenchiam a estrutura e as suas valas de implantação.

No que respeita ao espólio cerâmico, trata-se de um conjunto de média dimensão (n.º mínimo de exemplares: 163), razoavelmente diversificado (presença de 8 categorias técnico-decorativas e 10 categorias tipológico-funcionais) e muito fraccionado, no qual 43% dos fragmentos apresentam marcas de fogo. Neste contexto, a cerâmica de cozinha constitui 41%, a de mesa 48% e a de armazenamento 10%, revelando uma preponderância incomum da louça de ir à mesa.

No âmbito do projecto POILIX, este contexto foi objecto de estudo arqueozoológico, tendo sido analisados os restos faunísticos recolhidos (Moreno García e Gabriel, 2001). Foram identificados restos (66) de ovicaprídeos (62%), de bovídeos (26%), de cavalo (4,5%), de veado (3%), de porco (3%) e de coelho (1,5%). O bom estado de conservação dos restos sugere uma acção de despejo rápida, após o consumo.

As características do contexto sugerem uma funcionalidade habitacional traduzida numa actividade de despejo continuada, tendo sido ocupado entre os séculos XI e XII. Relativamente às cerâmicas, destaca-se a presença (não ilustrada) de jarritas pintadas a vermelho, tigelas decoradas a verde e manganés, garrafas em cerâmica vidrada e uma jarrita pintada a negro.

## 2.6. Contexto H

(NARC; Sector 2NO; Compartmento 2; H13/G13/I13; Camadas 10, 11A, 16, 17 e 18)

O contexto H integra um conjunto de fundações que, embora muito deterioradas permitem vislumbrar uma construção com orientação NO-SE, com dois compartimentos contíguos, dos quais não é possível recuperar a planta (Fig. 7). As fundações têm uma espessura média de 70 cm e integram blocos calcários e cerâmica de construção. Não foi identificado qualquer nível de pavimento. Como foi referido, este contexto poderá estar relacionada com o Contexto E. O contexto integra 5 unidades estratigráficas relacionadas com o conjunto estrutural.

No que respeita ao espólio cerâmico, trata-se de um conjunto de muito pequena dimensão (n.º mínimo de exemplares: 46) e pouco diversificado (presença de 7 categorias técnico-decorativas e 8 categorias tipológico-funcionais), no qual 36% dos fragmentos apresentam marcas de fogo.

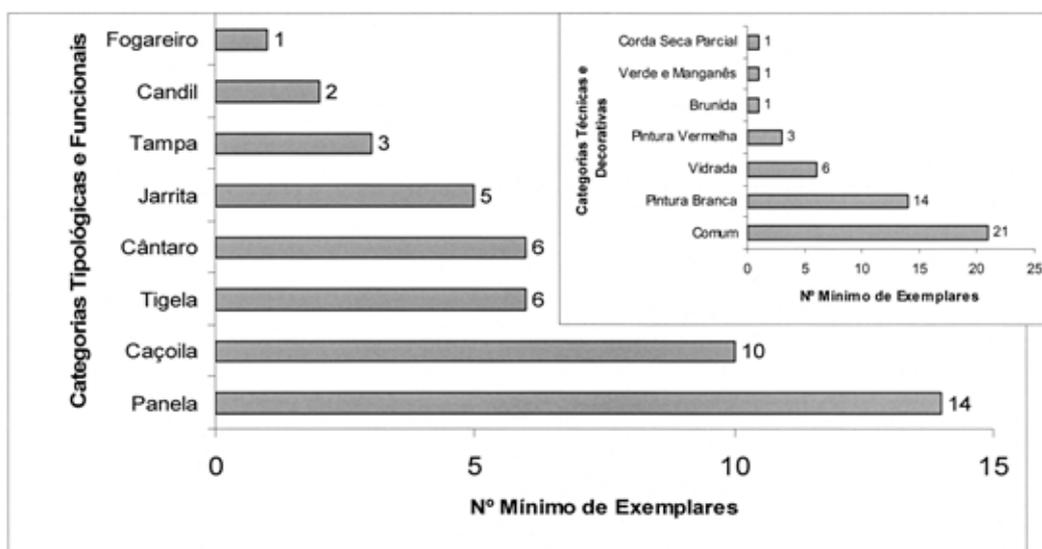


Fig. 10 Consumo/utilização de recipientes cerâmicos no Contexto H.

Neste contexto, a cerâmica de cozinha constitui 61%, a de mesa 24% e a de armazenamento 13%.

Pelas suas características este contexto afasta-se claramente da realidade caracterizada para o Contexto E. Eventualmente, as unidades estratigráficas em análise não reflectem acções de despejo continuado, podendo relacionar-se apenas com a acção de construção das estruturas. Em termos cronológicos, este contexto datar-se-á do século XI (cfr. com a jarrinha decorada a corda seca parcial de produção regional n.º 4159 – Fig. 25 – e o candil decorado a verde e manganés n.º 3452, Fig. 26).

### 2.7. Contexto I

(NARC; Sector 3SO; Compartimento 1; Camada 16)

Trata-se de mais uma fossa estruturada “escavada” nas estruturas industriais romanas (Bugalhão, 2001, p. 156) e completada com um pequeno muro de blocos calcários (com cerca de 30 cm de largura), criando um pequeno compartimento de forma rectangular, com 70 x 100 cm de dimensão (Fig. 17). Ao contrário do que sucede com os Contextos B e F, este contexto não se encontra associado a qualquer estrutura construída conservada. Esta fossa encontrava-se preenchida apenas por uma camada, que ocupava por completo a estrutura, embora integre algumas peças de 2 outras camadas (18 e 19) para onde se verificou uma clara escorrência de materiais arqueológicos da fossa.

No que respeita ao espólio cerâmico, trata-se de um conjunto de muito pequena dimensão (n.º mínimo de exemplares: 32) e diversificado (presença de 7 categorias técnico-decorativas e 8 categorias tipológico-funcionais), no qual 45% dos fragmentos apresentam marcas de fogo. Neste contexto, a cerâmica de cozinha constitui 29%, a de mesa 53% e a de armazenamento 9%.



Fig. 11 Contexto I.

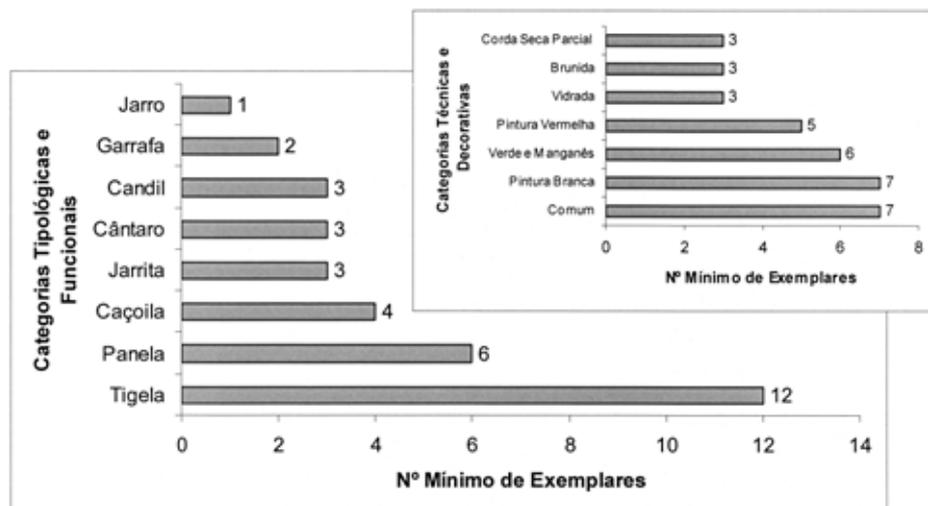


Fig. 12 Consumo/utilização de recipientes cerâmicos no Contexto I.

No âmbito do projecto POILIX, este contexto foi objecto de estudo arqueozoológico, tendo sido analisados os restos faunísticos recolhidos (Moreno García e Gabriel, 2001). Foram identificados restos (31) de ovicaprídeos (74%), de galinha, (16%), de coelho (6%) e de perdiz (3%).

No que respeita ao espólio cerâmico, este contexto afasta-se claramente de todos os restantes abordados no presente estudo. Por um lado, apresenta uma elevada proporção de cerâmicas de consumo seleccionado, como as cerâmicas pintadas a vermelho (Fig. 25, n.ºs 3248, 3249), verde e manganés (Fig. 25, n.ºs 3250, 4063, 4062, 4060, 4051 e 3221) e corda seca parcial regional (Fig. 25, n.ºs 3246, 4059 e 3247), em relação à cerâmica de consumo quotidiano. Por outro lado, é claramente predominante a louça de mesa. Salienta-se ainda a presença de 2 candis (nomeadamente, o n.º 2985, Fig. 26). A qualidade e proporção destas peças sugerem um nível sócio-económico elevado dos utilizadores desta estrutura.

Relativamente à cronologia, integra-se este contexto no século XI, tomando em consideração as peças em verde e manganés e em corda seca parcial regional (Bugalhão e Gómez Martínez, 2005, p. 241).

## 2.8. Contexto J

(NARC; Sector 3 Oeste; Camada 7)

O Contexto J, localizado num sector da escavação que apresentava muita perturbação ao nível estrutural e estratigráfico, é constituído por uma fossa detrítica escavada nos sedimentos que preenchiam uma cetária, atingindo em profundidade a cota do estrato romano de abandono (Fig. 17). A própria natureza “não construída” do contexto dificultou a escavação à semelhança do que acontece com o Contexto I (que aliás se situa muito próximo), não foi possível identificar qualquer construção que se lhe sobrepusesse.



Fig. 13 Contexto J.

Estratigraficamente, o contexto centra-se numa só camada muito perturbada, embora, pelas dificuldades acima referidas, lhe tenham sido integradas algumas peças de 3 outras unidades estratigráficas confinantes (Camadas 8, 10 e 11).

No que respeita ao espólio cerâmico, trata-se de um conjunto de pequena dimensão (n.º mínimo de exemplares: 82), pouco diversificado ao nível técnico e decorativo (presença de 6 categorias técnico-decorativas) e muito diversificado tipológica e funcionalmente (12 categorias tipológico-funcionais), no qual 51% dos fragmentos apresentam marcas de fogo. Neste contexto, a cerâmica de cozinha constitui 43%, a de mesa 46% e a de armazenamento 11%.

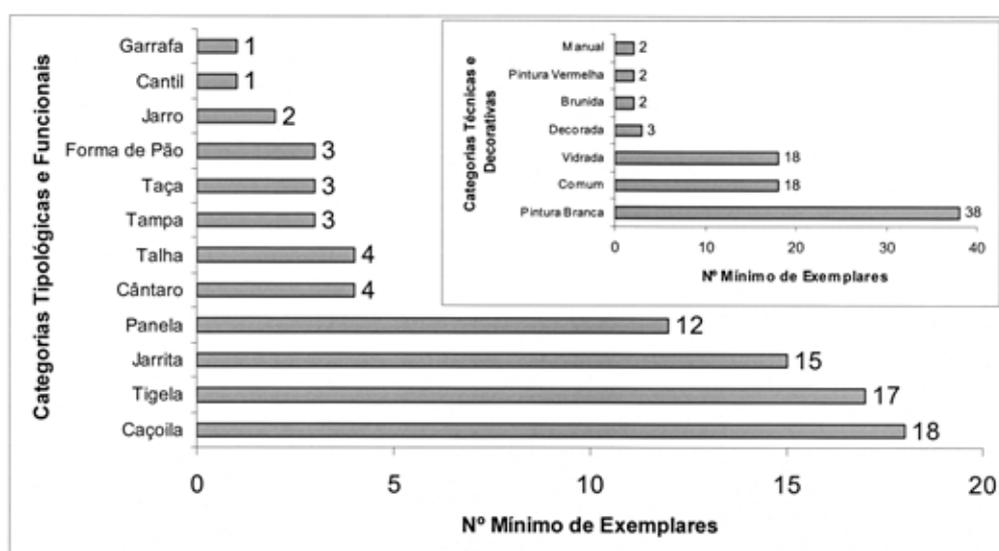


Fig. 14 Consumo/utilização de recipientes cerâmicos no Contexto J.

Apesar das reduzidas dimensões do conjunto cerâmico, este apresenta um número considerável de peças completas e de perfil completo, como as tigelas vidradas n.ºs 163 e 521, a jarrinha n.º 271 (Fig. 25) e a caçoila n.º 522 (Fig. 24). Destacam-se as taças pintadas a vermelho n.ºs 692 e 664 (Fig. 25), esta última datável do século XII (Bugalhão e Gomez Martínez, 2005, p. 252). Refira-se ainda a presença rara de um cantil vidrado (não ilustrado) e de 3 formas de pão, n.ºs 661 (placa em cerâmica manual), 694 (em cerâmica manual com rebordo) e 699 (profusamente decorada), na Fig. 24.

Também este contexto foi objecto de estudo arqueozoológico, tendo sido analisados os restos faunísticos recolhidos (Moreno García e Gabriel, 2001). Foi recolhido um número reduzido de restos (6) verificando-se a presença de oviceprídeo, bovídeo e veado.

O contexto apresenta características claras de uma fossa detritica, utilizada eventualmente durante um lapso de tempo curto. A sua cronologia situar-se-á entre o final do século XI e 1.ª metade do XII.

### 2.9. Contexto L

(NARC, Sector 3 Oeste; Escadas; Camadas 36 e 40)

O contexto L (Bugalhão e Queiroz, 2006) é constituído por um compartimento construído ao nível do subsolo, eventualmente numa área exterior da casa (não sendo possível relacioná-lo de

forma inequívoca com os restantes vestígios urbanísticos detectados), que se apresentava parcialmente preenchido por uma camada com elevada concentração de vestígios orgânicos vegetais (frutos). Uma cetária romana (Bugalhão, 2001, p. 123-124) foi compartimentada por um sólido muro em pedra aparelhada, tijolo e argamassa, diminuindo a capacidade original do tanque. Na parte superior da estrutura, que se situaria em cota aproximada do nível de superfície/piso, foi construída uma estrutura “de fecho” de forma subcircular, que alteou ligeiramente as paredes da cetária (Fig. 17). O compartimento assim criado apresenta dimensões de 190 x 160 x 210 cm. A utilização continuada desta estrutura é comprovada pela forte coloração escura (provocada pelo contacto com os frutos) que permaneceu impressa no *opus signinum* de revestimento da cetária.

Estratigraficamente, o contexto integra 2 unidades, uma de restos de utilização e outra formada posteriormente ao abandono (da qual provêm a quase totalidade dos fragmentos cerâmicos).



Fig. 15 Contexto L.

No que respeita ao espólio cerâmico, trata-se de um conjunto de muito pequena dimensão (n.º mínimo de exemplares: 26) e pouco diversificado (presença de 4 categorias técnico-decorativas e 7 categorias tipológico-funcionais), das quais apenas 15% apresentam marcas de fogo. Neste contexto, a cerâmica de cozinha constitui 27%, a de mesa 19% e a de armazenamento 54%.

Este conjunto cerâmico reveste-se de alguma singularidade, uma vez que a sua composição se explica com a funcionalidade deste contexto, relacionado com um processo de transformação de frutos, com vista ao seu consumo. A maioria das cerâmicas integra uma camada formada imediatamente a seguir à interrupção da utilização deste compartimento para este fim, podendo aparen-

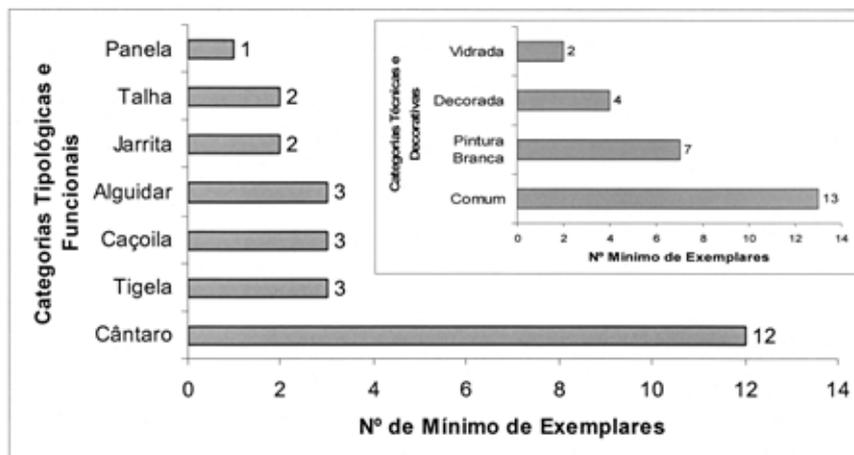


Fig. 16 Consumo/utilização de recipientes cerâmicos no Contexto L.

temente o conjunto relacionar-se com o processamento de frutos (assim se explicando a proporção incomum de loiça de armazenamento). A cronologia proposta para o contexto situa-se entre o final do século XI e a 1.ª metade do XII.

### 2.10. Contexto N

(NARC, Sector 3SO; Entre-Muros; Camada 7)

O Contexto N é constituído por mais uma fossa detritiva “escavada” nas estruturas romanas industriais, neste caso numa área de pátio. A fossa assumia uma forma oblonga com dimensões máximas de 210 x 60 cm. A estratigrafia considerada resumiu-se a 1 só unidade. Este contexto localiza-se muito próximo dos Contextos I e J.

No que respeita ao espólio cerâmico, trata-se de um conjunto de pequena dimensão (n.º mínimo de exemplares: 74), pouco diversificado ao nível técnico e decorativo (presença de 5 categorias) e muito diversificado ao nível tipológico e funcional (12 categorias), com 46% de marcas de fogo. Neste contexto, a cerâmica de cozinha constitui 51%, a de mesa 32% e a de armazenamento 15%.

As características do contexto confirmam a sua interpretação funcional como fossa detritiva de cozinha, salientando-se a presença de um candil (Fig. 26, n.º 3278) e de um fogareiro (Fig. 24, n.º 4105). A cronologia proposta é hipotética, podendo situar-se entre os séculos X e XI.



Fig. 17 Contextos I, J, L e N, sobre planta das estruturas romanas.

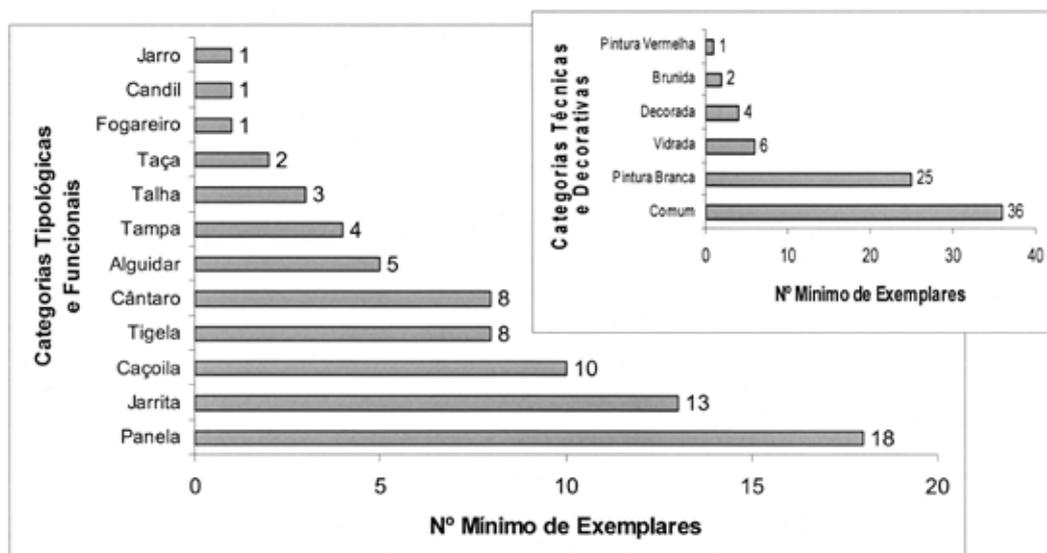


Fig. 18 Consumo/utilização de recipientes cerâmicos no Contexto N.

### 2.11. Contexto R

(MC; Área 6; Planos 10, 11, 12 e 13 da Camada 10)

Este contexto reveste-se de características muito indefinidas, uma vez que é constituído por algumas fundações muito destruídas e um conjunto estratigráfico muito perturbado. A relação entre as realidades estrutural e estratigráfica permaneceu em grande parte indeterminada. Contudo, foi possível isolar um estrato com suficiente homogeneidade material para ser interpretado como um contexto de época islâmica.

No que respeita ao espólio cerâmico, trata-se de um conjunto de muito pequena dimensão (n.º mínimo de exemplares: 32), pouco diversificado (presença de 5 categorias técnico-decorativas e 8 categorias tipológico-funcionais), com 40% de marcas de fogo. A cerâmica de cozinha constitui 47%, a de mesa 34% e a de armazenamento 19%.

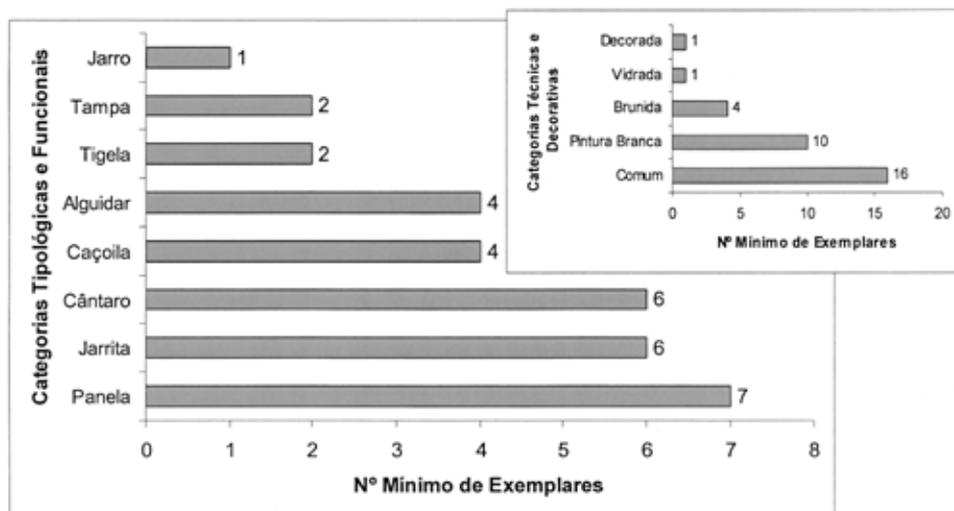


Fig. 19 Consumo/utilização de recipientes cerâmicos no Contexto R.

Pelas suas características o Contexto R poderá ser relacionado com o momento fundacional do conjunto estrutural, podendo remontar à 1.<sup>a</sup> metade do século XII.

### 2.12. Contexto S

(MC; Área 9; Planos 10 e 11 da Camada 19. Área 8; Plano 11 da Camada 8)

O contexto S é em tudo semelhante ao contexto anterior, nomeadamente no grau de perturbação dos contextos estruturais e estratigráficos. Mais uma vez, foi identificado um conjunto de fundações com estratigrafia associada, de entre a qual se seleccionaram 2 unidades estratigráficas de época islâmica.

No que respeita ao espólio cerâmico, trata-se de um conjunto de muito pequena dimensão (n.º mínimo de exemplares: 19), pouco diversificado (presença de 4 categorias técnico-decorativas e 9 categorias tipológico-funcionais), com 37% de marcas de fogo. Neste contexto, a cerâmica de cozinha constitui 32%, a de mesa 52% e a de armazenamento 11%.

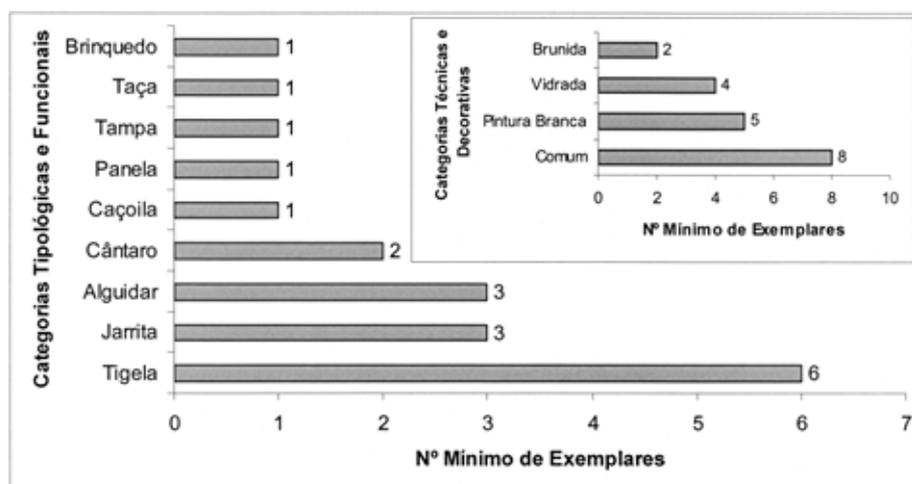


Fig. 20 Consumo/utilização de recipientes cerâmicos no Contexto S.

À semelhança do contexto anterior, o Contexto S poderá ser relacionado com o momento fundacional do conjunto estrutural, podendo remontar à 1.<sup>a</sup> metade do século XII. Salienta-se a presença de um brinquedo (n.º 296, Fig. 25).

### 2.13. Contexto U

(NARC; Sector 3 Este; O/N18; Camadas 14 e 28)

Este contexto foi seleccionado numa fase final dos trabalhos do projecto, sendo constituído por 2 unidades estruturais escavadas nos níveis da II Idade do Ferro. Este contexto poderá estar relacionado com a olaria do NARC (Bugalhão, Gomes e Sousa, 2003), que se localiza muito próxima. Como o contexto não foi integrado no estudo sobre os vestígios de olaria naquele sítio, optou-se por efectuar aqui a sua publicação.

No que respeita ao espólio cerâmico, trata-se de um conjunto de muito pequena dimensão (n.º mínimo de exemplares: 32) e pouco diversificado (presença de 5 categorias técnico-decorativas e 8 categorias tipológico-funcionais). Neste contexto, a cerâmica de cozinha constitui 32%, a de mesa 52% e a de armazenamento 11%.

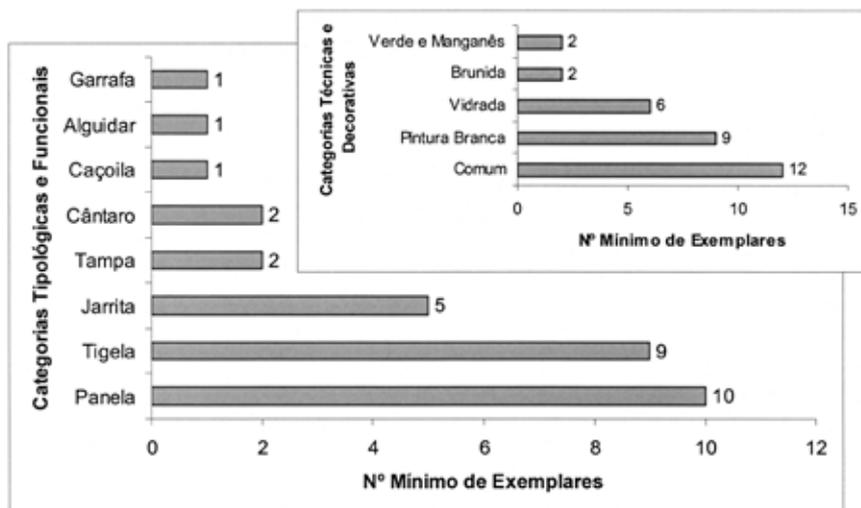


Fig. 21 Consumo/utilização de recipientes cerâmicos no Contexto U.

Como foi referido, este contexto parece relacionar-se com o ambiente de produção oleira, talvez correspondendo a uma área de despejo. Um dos aspectos que contribui para esta interpretação, para além da proximidade física, é o facto de uma grande parte dos fragmentos cerâmicos que integram o contexto apresentar um aspecto vitrificado (recozido), característica típica de materiais cerâmicos rejeitados durante o processo de produção (Bugalhão, Gomes e Sousa, 2003, p. 131; Bugalhão, Sousa e Gomes, 2004, p. 579). Salienta-se a presença de dois fragmentos de cerâmica decorada a verde e manganês (Fig. 25, n.ºs 4048 e 4053), que remetem cronologicamente para o século XI (Bugalhão e Gómez Martínez, 2005, p. 241).

### 3. Conclusão

#### 3.1. Contextos

Neste trabalho foram abordados os conjuntos cerâmicos de 13 contextos (11 identificados no NARC e 2 no MC). Todos os contextos se apresentam num estado de conservação muito fraco, revelado pelo elevado grau de destruição das estruturas e de perturbação da estratigrafia. Este facto explica-se por diversos factores: altimetria dos contextos, metodologia das duas intervenções, a intensidade e diacronia da ocupação desta zona urbana desde a II Idade do Ferro (Bugalhão e Folgado, 2001, p. 114).

Para além do referido, os dois contextos do MC (Contextos R e S) revelam-se tendencialmente mais pobres, quer em dimensão, quer em diversidade. Aparentemente, parecem igualmente remontar a uma cronologia relativamente mais tardia (2.ª metade do século XII). Estes aspectos poderão relacionar-se com a localização mais marginal do sítio, no arrabalde, eventualmente objecto de uma urbanização mais tardia e menos intensa.

Em síntese, os contextos foram interpretados como decorrendo de funções essencialmente habitacionais, embora apenas num caso (Contexto A) se tenha identificado uma estrutura inegavelmente de habitação. Na maior parte dos casos, referem-se a estruturas negativas, por vezes estruturadas, relacionadas com acções de despejo (Contextos B, F, I, J, L, N e U), de características por vezes bem diferenciadas. Os restantes contextos foram relacionados com o momento de construção de algumas estruturas em que o subsolo é mobilizado e sedimentado, integrando restos materiais de origem ocupacional (Contextos D, E, H, R e S).

### 3.2. Conjuntos cerâmicos

A nível técnico, as cerâmicas destes contextos caracterizavam-se tendencialmente por uma homogeneidade, uma vez que a grande maioria das peças recolhidas seriam muito provavelmente produzidas nas olarias locais. Por outro lado, verifica-se a presença constante, embora quase sempre em proporções reduzidas de peças de fabricos diversos, quer no que se refere à loiça de utilização quotidiana, quer principalmente, no que se refere à loiça de utilização mais esporádica e seleccionada. Por fim, deve referir-se que os contextos de consumo/utilização abrangem provavelmente, um lapso cronológico relativamente alargado. Embora, a maioria dos contextos remontem ao século XI e primeira metade do século XII, verificou-se a presença de alguns estratos com cronologia mais antiga (século X), relacionados eventualmente com a fundação do arrabalde.

Paralelamente a um grande número de peças em cerâmica comum, cerâmica pintada a branco e cerâmica vidrada, perfeitamente integrável nas produções cerâmicas de Lisboa, encontram-se produções, provavelmente locais/regionais, de cerâmica pintada a vermelho e de corda seca parcial, que aquelas olarias não produziam. Encontram-se igualmente produções exógenas de diversas origens (importações regionais e transregionais) de cerâmica comum, pintada a branco, vidrada, pin-

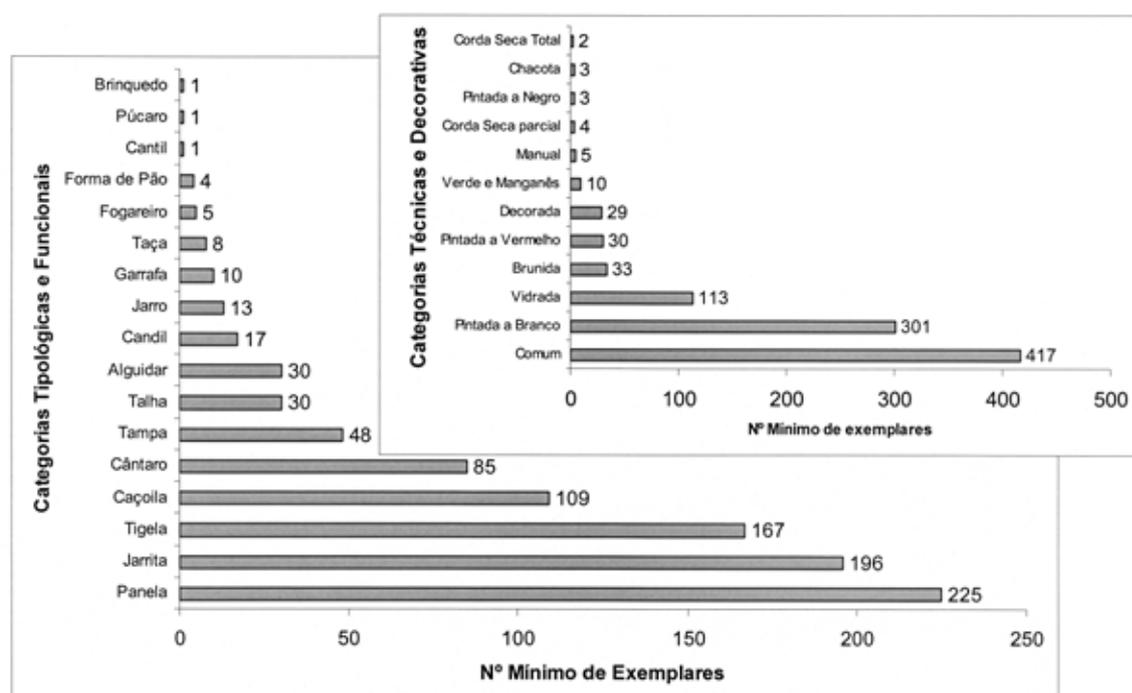


Fig. 22 Consumo/utilização de recipientes cerâmicos no NARC e no MC.

tada a vermelho, pintada a negro, verde e manganés, corda seca parcial e total (com características técnicas muito diversificadas).

Assim, 78% dos exemplares contabilizados integram as categorias de cerâmica comum e cerâmica pintada a branco, confirmando-se a utilização massiva desta loiça na vida doméstica quotidiana. A cerâmica vidrada constitui 12% do conjunto, salientando-se que em todos os contextos de consumo se identificam tigelas vidradas, considerando-se por isso o *ataifor* vidrado, um dos elementos caracterizadores destes conjuntos cerâmicos. As cerâmicas pintadas a vermelho, brunida e decorada apresentam resultados na ordem dos 3% de frequência. O verde e manganés constituem 1% do conjunto; as restantes categorias técnico-decorativas (corda seca parcial, corda seca total, pintada a negro e cerâmica manual) apresentam valores inferiores a um ponto percentual.

No que se refere à funcionalidade, verificou-se que todos os recipientes identificados se destinavam à utilização doméstica, à exceção de uma peça classificada como brinquedo. Documentaram-se 16 tipos cerâmicos, distribuídos pela cerâmica de cozinha (panelas, tampas, alguidares, caçoilas, púcaros e formas de pão), de mesa (tigelas, jarrinhas, jarros, taças e garrafas), de armazenamento (cântaros, talhas e cantis) e de fogo/iluminação (fogareiros, lanterna e candis). As loiças de cozinha e mesa aparecem em proporções muito idênticas (43 e 41%), seguindo-se em proporção a louça de armazenamento (14%) e de fogo/iluminação (2%). Estes valores relativos variavam conforme o tipo de contexto de origem.

A nível morfológico e decorativo, este conjunto, embora tendencialmente homogéneo, apresentava-se significativamente diversificado se comparado com as produções cerâmicas conhecidas em Lisboa, consequência da origem diversificada de algumas peças. As peças decoradas constituíam 42% do conjunto, com larga preponderância para a decoração a pintura branca (31%). A presença de decoração é mais comum nos recipientes destinados ao serviço de mesa e à armazenagem. Os motivos decorativos são mais diversificados relativamente ao verificado nos contextos de produção, marcando presença os temas islâmicos típicos como: flor de lótus, pinhas, palmetas, outros motivos fitomórficos, cartelas reticuladas, cordão da eternidade e motivos pseudo-epigráficos.

As peças pintadas a vermelho (óxido de ferro) constituem um grupo relativamente heterogéneo, a nível cronológico, do local de produção e tipológico. A maioria das peças será integrável nas produções de Lisboa (cidade e região) e datarão do século XI. Em menor quantidade, verificou-se a presença de produções dos séculos X e XII, de importação (Bugalhão e Gómez Martínez, 2005, p. 252).

As cerâmicas pintadas a negro (óxido de manganés) constituem um conjunto muito residual, situação comum à maioria dos outros locais do *al-Ándaluz*. As análises arqueométricas realizadas sobre estas peças atribuem-lhe uma origem claramente importada, podendo tratar-se de produções levantinas do século XII (Bugalhão e Gómez Martínez, 2005, p. 258).

Relativamente às peças decoradas a verde e manganés, o conjunto revela uma considerável variedade de fabricos (verificáveis através das pastas, cor do fundo, tratamento dos reversos e motivos decorativos), indiciando uma afluência a Lisboa de peças de origens distintas (foram identificadas produções de Sevilha, Córdova, Dénia, paralelamente a peças de origem desconhecida). Genericamente, este conjunto pode ser atribuído ao século XI (Bugalhão e Gómez Martínez, 2005, p. 241).

No que respeita às peças decoradas a corda seca parcial, os estudos arqueométricos já realizados (Dias, Prudêncio, Bugalhão, Gomes, Sousa e Folgado, no prelo), bem como as investigações em curso da responsabilidade de Claire Delery<sup>2</sup> (baseadas em análises arqueométricas dos revestimentos vidrados das peças) indiciam para parte deste conjunto uma produção local ou regional. Nos níveis estilístico e técnico, verifica-se a influência da região de Toledo e Pechina, podendo pro-

por-se o vale do Tejo como via transmissora preferencial. O segundo subgrupo (minoritário) é de origem claramente importada, semelhante aos fabricos de corda seca parcial recolhidos em Mértola. Poderá tratar-se de produções levantinas (Bugalhão e Gómez Martínez, 2005, p. 248).

As peças decoradas a corda seca total apresentam igualmente semelhanças com os exemplares de Mértola, podendo tratar-se de importações das regiões de Almeria e Málaga (Bugalhão e Gómez Martínez, 2005, p. 251). A origem exógena deste conjunto foi comprovada pelas análises arqueométricas desenvolvidas no âmbito do projecto (Dias, Prudêncio, Bugalhão, Gomes, Sousa e Folgado, no prelo), bem como pelas análises de revestimentos realizadas por Claire Delery.

### 3.3. Arqueometria

No âmbito do projecto POLIX foram objecto de análise geoquímica 125 amostras, das quais 38 se referiam a cerâmicas recolhidas em contextos de utilização e consumo dos dois sítios arqueológicos. Neste grupo procurou-se representar todas as categorias técnico-decorativas e tipológico-funcionais identificadas, embora facilmente se perceba que certos grupos estão escassamente representados.

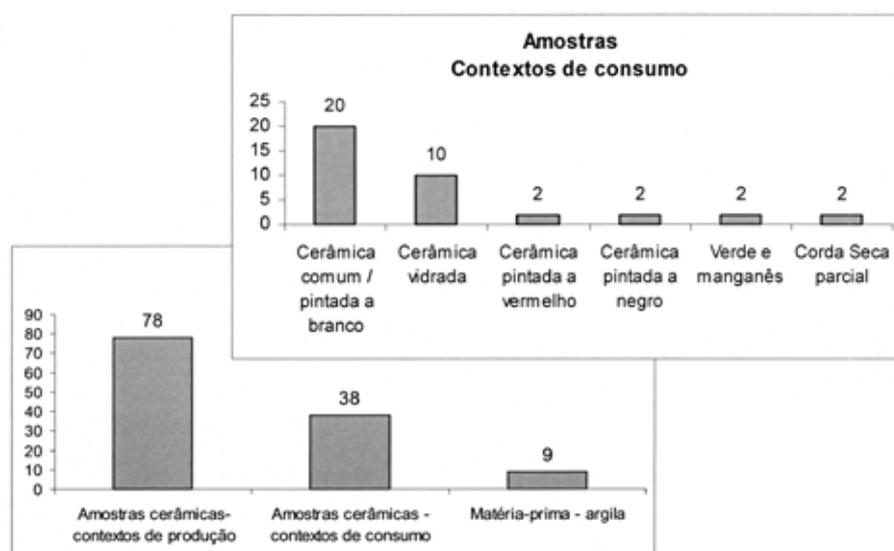


Fig. 23 Arqueometria: amostras realizadas sobre cerâmicas dos contextos de consumo/utilização.

Os resultados obtidos com o estudo arqueométrico (Dias, Prudêncio, Bugalhão, Gomes, Sousa e Folgado, no prelo) efectuado para os dois sítios arqueológicos apontam para a existência de uma boa afinidade geoquímica entre cerâmicas de cada sítio e os materiais argilosos da região. O estudo comparativo dos dois sítios reflecte essas afinidades, associando-se entre si, quer ao nível das produções, quer das cerâmicas de contexto habitacional.

Nos contextos habitacionais e domésticos, registou-se ainda a ocorrência de amostras de cerâmicas “outliers”, relativamente às produções locais identificadas, em parte constituídas por amostras ditas “de importação” e também por cerâmicas ditas “de produção local” (em cerâmica comum, pintada a branco e vidrada).

Quanto às amostras ditas “de importação”, provenientes dos contextos de consumo (habitacionais e domésticos), confirmam-se de produção exógena as cerâmicas pintadas a negro já ante-

riormente documentada para cerâmicas dos contextos da Sé de Lisboa e do Castelo de S. Jorge (Dias, Prudêncio e Gouveia, 2001).

As amostras de “verde e manganés” distinguem-se ligeiramente da produção local, indiciando podermos estar perante uma imitação regional, para o que seria necessário confirmar com mais amostras similares. Este indício contribui para fortalecer a hipótese levantada por diversos especialistas que defendem a existência de núcleos regionais ou locais, no *Garb*, de produção de imitações deste tipo cerâmico (cuja produção se encontra apenas documentada no SE, Sul e Centro de Espanha).

As amostras de “pintura a vermelho”, à semelhança dos estudos arqueométricos realizados anteriormente (Dias, Prudêncio e Gouveia, 2001), revelaram a existência de produção local deste tipo cerâmico, que coexiste com produções eventualmente regionais e que surge em locais como Lisboa e Alcácer do Sal.

As amostras de “corda seca parcial” revelaram resultados algo surpreendentes, uma vez que apresentaram uma situação análoga às amostras de “pintura a vermelho”. Ou seja, uma das amostras afasta-se claramente da produção local, confirmando-se o seu estatuto de cerâmica importada (provavelmente, da Região Levantina de Península), a segunda amostra apresenta afinidades com as produções locais indiciando a possível existência de produções locais de imitação deste tipo cerâmico. Estes dados carecem de aprofundamento e confirmação, designadamente, através do alargamento do número de amostras analisadas, actualmente muito reduzido.

### 3.4. Síntese

Relativamente ao consumo e utilização de recipientes cerâmicos nos contextos habitacionais e domésticos do NARC e do MC, foi possível verificar a presença de conjuntos cerâmicos diversificados, aos níveis técnico, decorativo, tipológico e cronológico. Embora tenha sido observada uma boa identificação geoquímica entre os contextos de produção analisados e a generalidade das cerâmicas provenientes de contextos de consumo/utilização dos dois sítios (principalmente ao nível da cerâmica comum, pintada a branco e vidrada), verificou-se igualmente a presença de cerâmicas claramente produzidas noutros locais. Nomeadamente, foram recolhidos exemplares importados de corda seca total, corda seca parcial, verde e manganés, cerâmica pintada a vermelho e cerâmica pintada a negro. Esta realidade evidencia um abastecimento oleiro de origens diversificadas, proveniente de outros oleiros da cidade e região de Lisboa, bem como a aquisição de produtos importados, transacionados por comerciantes com acesso a circuitos regionais e trans-regionais.

Assim, no que se refere ao consumo de olaria, verifica-se em Lisboa neste período o uso generalizado de loiça de utilização quotidiana (cerâmica comum, pintada a branco e vidrada). A loiça de utilização mais restrita e esporádica (por exemplo, cerâmica vidrada estampilhada, incisa e com aplicações plásticas, cerâmica vidrada pintada, cerâmica vidrada parcial, cerâmica pintada a vermelho e cerâmica pintada a negro) era consumida com alguma regularidade. A loiça de luxo (por exemplo, verde e manganés, corda seca parcial e corda seca total) era consumida de forma pontual. Assim, verificava-se o recurso a produções de origens diferenciadas: cidade, região e importação. As características (volume e diversidade) dos conjuntos cerâmicos islâmicos de Lisboa, variam em função da sua localização na cidade (características sociais, económicas e política do local intervencionado; distância em relação ao centro urbano; funcionalidade da área urbana, etc.) e do tipo de contextos intervencionados (estatuto económico e social do proprietário da casa).

Quadro 2. Produção e consumo de recipientes cerâmicos, em Lisboa, no período islâmico

<i>Categorias de Consumo</i>	<i>Produções</i>	<i>Locais de Produção</i>
<i>Loiça de consumo generalizado e utilização quotidiana</i>	<i>Cerâmica comum</i> <i>Cerâmica Pintada a Branco</i> <i>Cerâmica Vidrada</i>	<i>Olarias de Lisboa</i> <i>Olarias da região envolvente de Lisboa</i>
<i>Loiça de mesa de consumo regular e esporádico</i>	<i>Cerâmica vidrada estampilhada, incisa e com aplicações plásticas</i> <i>Cerâmica vidrada pintada</i> <i>Cerâmica vidrada parcial</i> <i>Cerâmica pintada a vermelho</i> <i>Cerâmica pintada a negro</i>	<i>Olarias de Lisboa (vidrada estampilhada, incisa, com aplicações plásticas ou pintada; vidrada parcial; pintada a vermelho)</i> <i>Importações regionais: outros centros oleiros do Garb (?)</i>
<i>Loiça de mesa, de luxo e de consumo pontual</i>	<i>Verde e manganês</i> <i>Corda seca parcial</i> <i>Corda seca total</i>	<i>Olarias de Lisboa (corda seca parcial)</i> <i>Importações regionais: outros centros oleiros do Garb (?)</i> <i>Importações dos grandes centros oleiros do al-Andaluz: Sevilha, Córdoba, Dénia, Toledo, Pechina, Almeria, etc.</i>

#### 4. Anexo

Quadro 3. Consumo/utilização de recipientes cerâmicos no NARC e MC: catálogo/tabela

<i>Sítio</i>	<i>Contexto</i>	<i>N.º</i>	<i>Tipo</i>	<i>Função</i>	<i>Conservação</i>	<i>Categoria Técnica e Decorativa</i>	<i>Fabrico</i>	<i>Cronologia</i>
NARC	A	18	Candil	Iluminação	Peça incompleta	Cerâmica Comum	Local	Séculos XI-XII
NARC	A	71	Lanterna	Iluminação	Fundo	Cerâmica Comum	Ver	Século X
NARC	A	4054	Tigela	Mesa	Fundo	Pintura Vermelha	Regional?	Século XI
NARC	A	4109	Panela	Cozinha	Bordo, bojo e asas	Pintura Branca	Local	Séculos X-XI
NARC	A	4110	Fogareiro	Cozinha	Bordo e suporte	Cerâmica Comum	Local	Séculos X-XI
NARC	A	4114	Çaçoila	Cozinha	Bordo e bojo	Cerâmica Comum	Local	Séculos X-XI
NARC	A	4115	Tampa	Cozinha	Bordo, bojo e fundo	Cerâmica Comum	Local	Século X
NARC	A	4116	Tigela	Mesa	Bordo e bojo	Vidrada	Local/regional?	Século XI
NARC	A	4119	Fogareiro	Cozinha	Bojo e grelha	Cerâmica Comum	Local	Séculos X-XI
NARC	A	4122	Tigela	Mesa	Bordo e bojo	Vidrada		Século X
NARC	A	4123	Jarrinha	Mesa	Peça incompleta	Pintura Branca	Local	Séculos X-XI
NARC	A	4126	Taça	Mesa	Fundo e bojo	Vidrada	Local?	Século X
NARC	A	4130	Talha	Armazenamento	Bordo e colo	Cerâmica Comum	Local	Séculos X-XI
NARC	A	4131	Panela	Cozinha	Bordo	Pintura Branca	Local	Século X
NARC	A	4132	Tigela	Mesa	Bojo	Verde e Manganês	Sevilha	Século XI
NARC	D	327	Candil	Iluminação	Peça incompleta	Vidrado Parcial	Local	Séculos XI-XII
NARC	D	2984	Panela	Cozinha	Peça incompleta	Pintura Branca	Local	Séculos XI-XII
NARC	D	4124	Jarra	Mesa	Gargalo, bojo e asa	Pintura branca	Local	Séculos XI-XII
NARC	D	4125	Tigela	Mesa	Fundo	Pintura em manganês sob vidrado	Local/regional?	Séculos XI-XII
NARC	D	4128	Forma de Pão/Placa	Cozinha	Bordo	Cerâmica Manual	Local	Séculos XI-XII
NARC	D	4129	Jarrinha	Mesa	Bordo, colo e bojo	Pintura Branca	Local	Séculos XI-XII
NARC	E	3270	Candil	Iluminação	Depósito	Cerâmica Comum	Local	Séculos XI-XII
NARC	E	3271	Candil	Iluminação	Bico	Pintura Branca	Local	Séculos XI-XII
NARC	E	3275	Candil	Iluminação	Depósito	Vidrada	Local	Século XII
NARC	E	3279	Candil	Iluminação	Depósito	Cerâmica Comum	Local	Séculos XI-XII
NARC	E	3447	Jarrinha	Mesa	Bordo e colo	Pintura Vermelha	Regional?	Século X
NARC	E	4160	Candil	Iluminação	Depósito	Pintura Vermelha	Regional?	Século X
NARC	E	4161	Cântaro	Armazenamento	Bordo, colo e asa	Pintura Branca	Local	Séculos X-XI
NARC	E	4163	Talha	Armazenamento	Bordo e colo	Cerâmica Decorada	Local	Séculos XI-XII
NARC	E	4164	Tigela	Mesa	Peça incompleta	Pintura Vermelha	Local	Século XI

**Quadro 3. Consumo/utilização de recipientes cerâmicos no NARC e MC: catálogo/tabela [cont.]**

Sítio	Contexto	N.º	Tipo	Função	Conservação	Categoria Técnica e Decorativa	Fabrico	Cronologia
NARC	E	4165	Jarrinha	Mesa	Bordo, colo asa e bojo	Pintura Branca	Local	Séculos XI-XII
NARC	E	3449	Tigela	Mesa	Bordo e bojo	Corda Seca Total	Importação, Almeria/Málaga?	Século XII
NARC	H	3452	Candil	Iluminação	Depósito	Verde e Manganês	Sevilha	Século XI
NARC	H	4159	Jarrinha	Mesa	Bordo e colo	Corda Seca Parcial	Local/regional	Século XI
NARC	I	2938	Cântaro	Armazenamento	Bordo, asas e bojo	Pintura Branca	Local	Século XI
NARC	I	2971	Jarrinha	Mesa	Peça completa	Pintura Branca	Local	Século XI
NARC	I	2985	Candil	Iluminação	Peça incompleta	Cerâmica Comum	Local	Século XI
NARC	I	3221	Jarrinha	Mesa	Peça incompleta	Verde e Manganês	Importação, Dénia?	Século XI
NARC	I	3240	Caçoila	Cozinha	Bordo e bojo	Cerâmica Comum	Local	Século XI
NARC	I	3241	Jarrinha	Mesa	Peça incompleta	Pintura Branca	Local	Século XI
NARC	I	3242	Tigela	Mesa	Bojo e fundo	Vidrada	Local	Século XI
NARC	I	3246	Garrafa	Mesa	Gargalo e asa	Corda Seca Parcial	Local/regional	Século XI
NARC	I	3247	Jarro	Mesa	Bojo	Corda Seca Parcial	Local/regional	Século XI
NARC	I	3248	Tigela	Mesa	Bordo e bojo	Pintura Vermelha	Local	Século XI
NARC	I	3249	Tigela	Mesa	Bordo, bojo e fundo	Pintura Vermelha	Local	Século XI
NARC	I	3250	Tigela	Mesa	Bordo e bojo	Verde e Manganês	Importação, Sevilha	Século XI
NARC	I	3454	Panela	Cozinha	Peça completa	Pintura Branca	Local	Século XI
NARC	I	4051	Tigela	Mesa	Bojo e fundo	Verde e Manganês	Importação, Sevilha	Século XI
NARC	I	4059	Jarrinha	Mesa	Colo e bojo	Corda Seca Parcial	Local/regional	Século XI
NARC	I	4060	Tigela	Mesa	Bordo e bojo	Verde e Manganês	Importação, Sevilha	Século XI
NARC	I	4062	Tigela	Mesa	Bordo e bojo	Verde e Manganês	Importação, Sevilha	Século XI
NARC	I	4063	Tigela	Mesa	Bordo e bojo	Verde e Manganês	Importação, Serviço	Século XI
NARC	I	4107	Caçoila	Cozinha	Bordo, bojo e fundo	Cerâmica Comum	Local	Século XI
NARC	J	163	Tigela	Mesa	Peça completa	Pintura em manganês sob vidro	Local/regional?	Séculos XI-XII
NARC	J	233	Panela	Cozinha	Peça completa	Pintura Branca	Local	Séculos XI-XII
NARC	J	271	Jarrinha	Mesa	Peça completa	Pintura Branca	Local	Séculos XI-XII
NARC	J	521	Tigela	Mesa	Peça completa	Vidrada	Local	Séculos XI-XII
NARC	J	522	Caçoila	Cozinha	Peça completa	Pintura Branca, brunida	Local	Séculos XI-XII
NARC	J	661	Forma de Pão/Placa	Cozinha	Bordo	Cerâmica Manual	Local	Séculos XI-XII
NARC	J	664	Taça	Mesa	Bojo, asa e fundo	Pintura Vermelha	Importação?	Século XII
NARC	J	669	Tigela	Mesa	Peça incompleta	Pintura em manganês sob vidro	Local/regional?	Séculos XI-XII
NARC	J	683	Tampa	Cozinha	Bordo e bojo	Pintura Branca	Local	Séculos XI-XII
NARC	J	684	Tampa	Cozinha	Bordo e bojo	Pintura Branca	Local	Séculos XI-XII
NARC	J	690	Caçoila	Cozinha	Bordo e bojo	Cerâmica Comum	Local	Séculos XI-XII
NARC	J	692	Taça	Mesa	Bojo	Pintura Vermelha	Importação?	Século XII
NARC	J	694	Forma de Pão	Cozinha	Bordo	Cerâmica Manual	Local	Séculos XI-XII
NARC	J	696	Caçoila	Cozinha	Bordo e bojo	Cerâmica Comum	Local	Séculos XI-XII
NARC	J	698	Garrafa	Mesa	Gargalo, asa e colo	Pintura Branca	Local	Séculos XI-XII
NARC	J	699	Forma de Pão	Cozinha	Fundo	Decoração Incisa	Local/Regional?	Séculos XI-XII
NARC	J	700	Panela	Cozinha	Boca, asas e bojo	Pintura Branca	Local	Séculos XI-XII
NARC	J	701	Jarrinha	Mesa	Peça incompleta	Pintura Branca	Local	Séculos XI-XII
NARC	J	703	Jarro	Mesa	Bojo	Pintura Branca	Local	Séculos XI-XII
NARC	J	704	Panela	Cozinha	Bordo, asa e bojo	Cerâmica Comum	Local	Séculos XI-XII

**Quadro 3. Consumo/utilização de recipientes cerâmicos no NARC e MC: catálogo/tabela [cont.]**

Sítio	Contexto	N.º	Tipo	Função	Conservação	Categoria Técnica e Decorativa	Fabrico	Cronologia
NARC	J	4101	Talha	Armazenamento	Bordo	Cerâmica Comum	Local	Séculos XI-XII
NARC	N	3278	Candil	Iluminação	Depósito	Vidrada	Local/regional?	Séculos X-XI?
NARC	N	4102	Çaçoila	Cozinha	Peça incompleta	Cerâmica Comum	Local	Séculos X-XI?
NARC	N	4105	Fogareiro	Cozinha	Bojo e grelha	Cerâmica Comum	Local	Séculos X-XI?
NARC	N	4106	Panela	Cozinha	Bordo e colo	Cerâmica Comum	Local	Séculos X-XI?
MC	R	263	Tampa	Cozinha	Peça incompleta	Cerâmica Comum	Local	Século XII
MC	R	280	Jarrinha	Mesa	Peça incompleta	Pintura Branca	Local	Século XII
MC	S	283	Taça	Mesa	Peça completa	Chacota	Local	Século XII
MC	S	296	Brinquedo	Outros	Peça incompleta	Cerâmica Comum	Local	Século XII
NARC	U	4048	Tigela	Mesa	Fundo	Verde e Manganês	Importação, ?	Século XI
NARC	U	4053	Tigela	Mesa	Bordo, bojo e fundo	Verde e Manganês	Importação, Córdova	Século XI
NARC	U	4108	Tampa	Cozinha	Bordo, bojo e fundo	Cerâmica Comum	Local	Séculos XI-XII

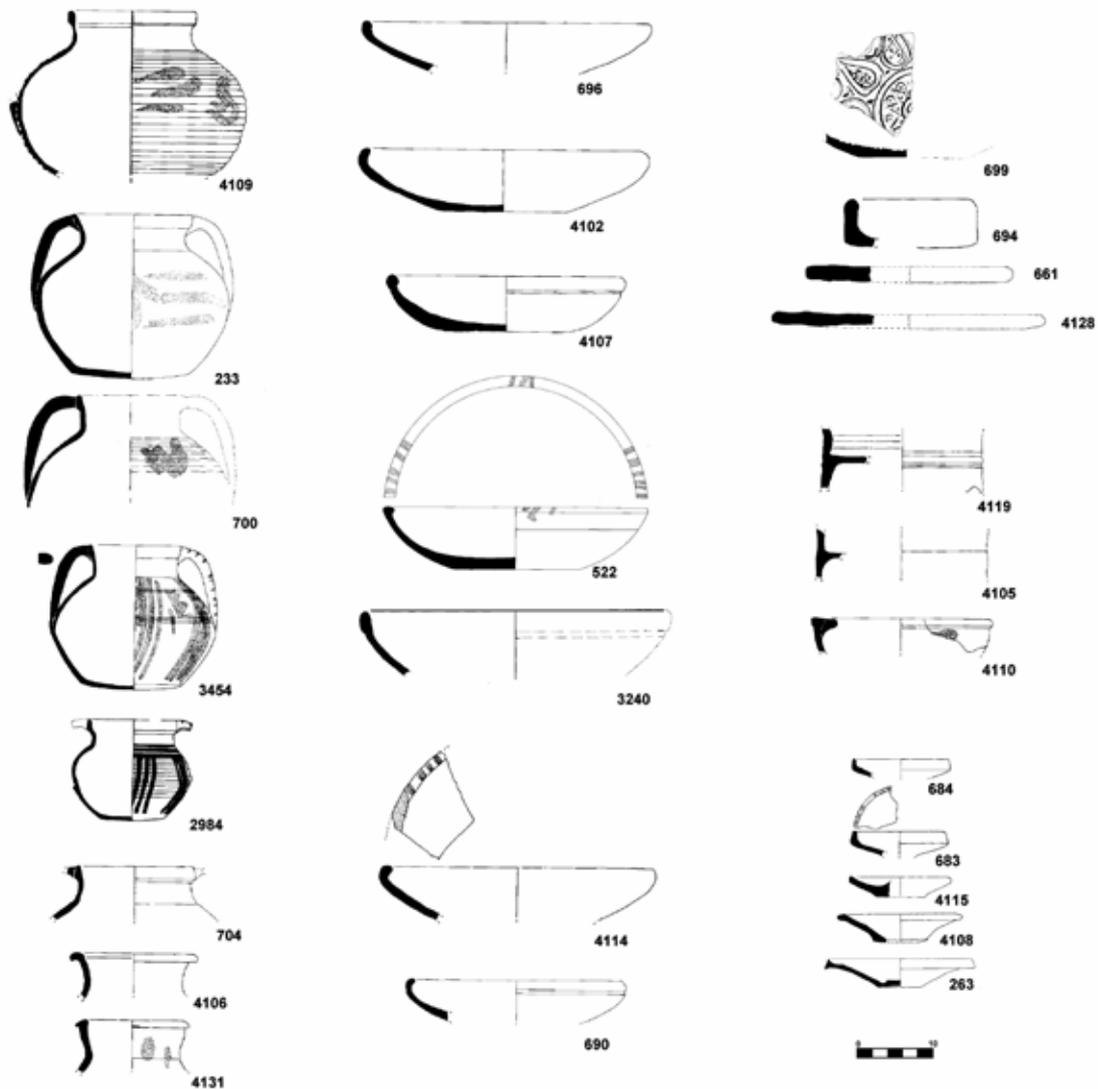


Fig. 24 Consumo/utilização de cerâmica no NARC-BCP e MC: cerâmica de cozinha.

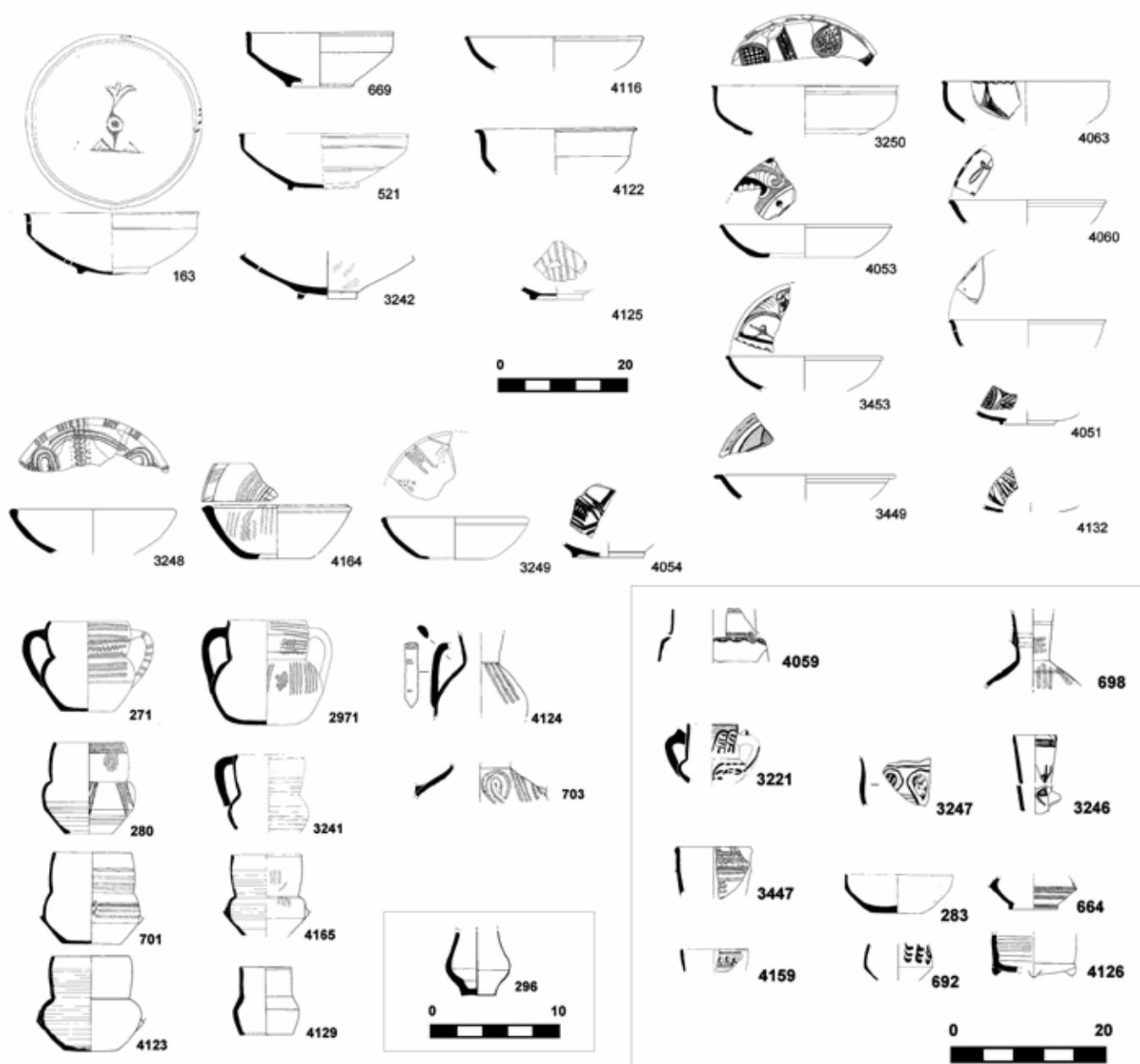


Fig. 25 Consumo/utilização de cerâmica no NARC-BCP e MC: cerâmica de mesa.

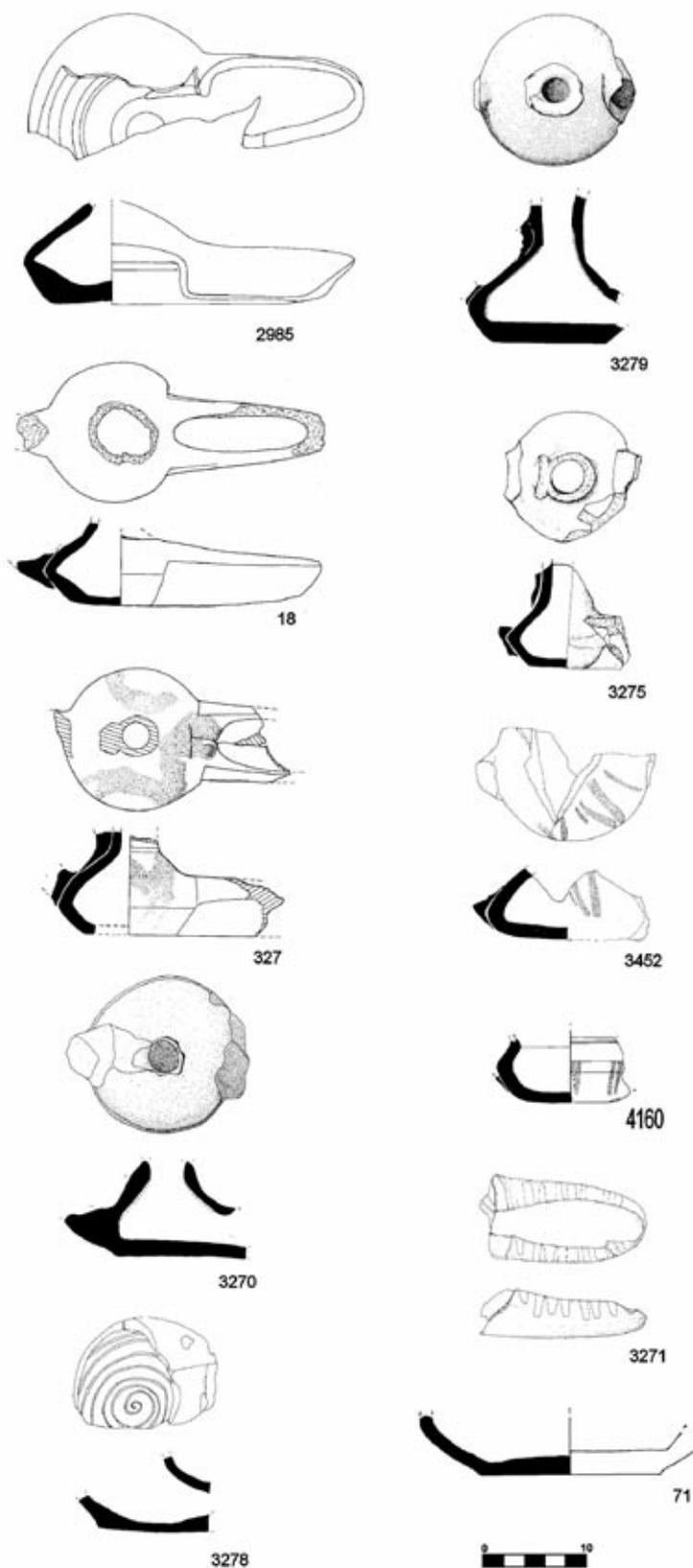


Fig. 26 Consumo/utilização de cerâmica no NARC-BCP e MC: cerâmica de iluminação.

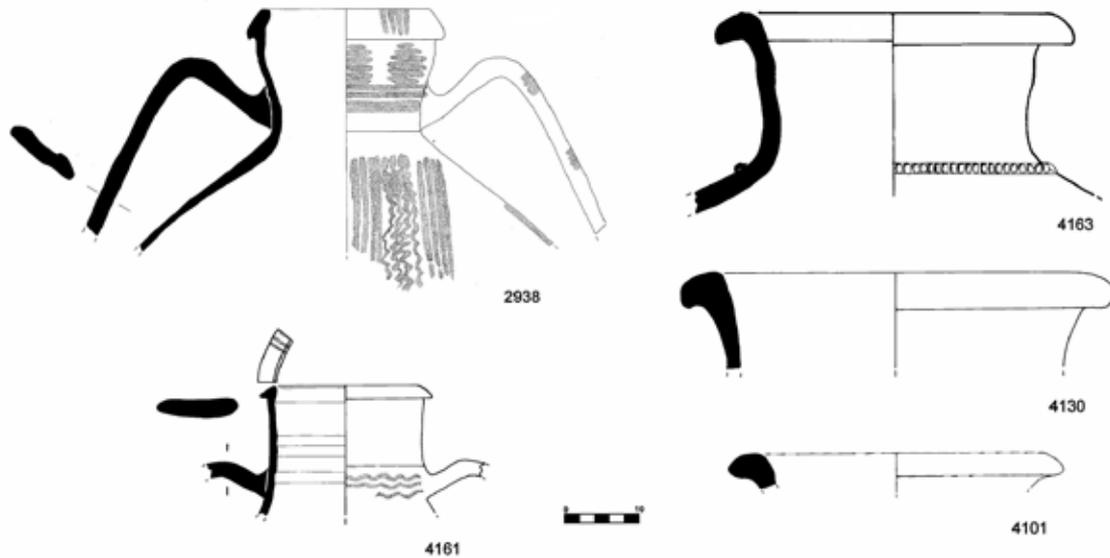


Fig. 27 Consumo/utilização de cerâmica no NARC-BCP e MC: cerâmica de armazenamento.

## NOTAS

\* Instituto Português de Arqueologia. jacinta@ipa.min-cultura.pt

\*\* Instituto Português de Arqueologia. agomes@ipa.min-cultura.pt

\*\*\* Instituto Português de Arqueologia. msousa@ipa.min-cultura.pt

<sup>1</sup> Sobre a interpretação funcional destas placas remete-se para as reflexões de Lopes e Ramalho (2001, p. 68), que lhe atribuem uma função de cozinha polivalente (base para cozer pão, tampa de talha ou base para preparar alimentos).

<sup>2</sup> DELERY, C. (em elaboração) - *Données sur les dynamiques économiques, sociales et culturelles d'al-Andalus (X<sup>e</sup>-XIII<sup>e</sup> s.) à partir d'une étude des techniques et de la diffusion de la céramique de cuerda seca.*

Tese de doutoramento a apresentar na Universidade de Toulouse-Le Mirail.

## BIBLIOGRAFIA

BUGALHÃO, J. (2001) - *A indústria romana de transformação e conserva de peixe em Olisipo*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.

BUGALHÃO, J.; FOLGADO, D. (2001) - O arrabalde ocidental da Lisboa islâmica: urbanismo e produção oleira. *Arqueologia Medieval*. Porto, 7, p. 111-145.

BUGALHÃO, J.; GOMES, A. S.; SOUSA, M. J. (2003) - Vestígios de produção oleira islâmica no Núcleo Arqueológico da Rua dos Correios, Lisboa. *Arqueologia Medieval*. Porto, 8, p. 129-191.

BUGALHÃO, J.; SOUSA, M. J.; GOMES, A. S. (2004) - Vestígios de produção oleira no Mandarin Chinês, Lisboa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa, 7:1, p. 575-643.

BUGALHÃO, J.; GÓMEZ MARTÍNEZ, S. (2005) - Lisboa, uma cidade do Mediterrânico islâmico. In *Muçulmanos e Cristãos entre o Tejo e o Douro (Sécs. VIII-XIII)*. Palmela: Câmara Municipal, p. 237-262.

BUGALHÃO, J.; QUEIROZ, P. (2006) - Testemunhos do consumo de frutos no período islâmico, em Lisboa. In *Al-Andalus espaço de mudança: balanço de 25 anos de história e arqueologia medievais. Homenagem a Juan Zozaya Stabel-Hansen*. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola, p. 195-212.

DIAS, M. I.; PRUDÊNCIO, M. I.; GOUVEIA, M. Â. (2001) - Arqueometria de cerâmicas islâmicas das regiões de Lisboa, Santarém e Alcácer do Sal (Portugal): caracterização química e mineralógica. In *Garb, sítios islâmicos do Sul peninsular*. Lisboa: IPPAR/Junta de Extremadura, p. 257-281.

DIAS, M. I.; PRUDÊNCIO, M. I.; BUGALHÃO, J.; GOMES, S.; SOUSA, M. J.; FOLGADO, D. (no prelo) - A produção de cerâmicas no arrabalde ocidental da Lisboa islâmica: primeiros resultados arqueométricos. In *IV Congresso de Arqueologia Peninsular*. Faro, Setembro de 2004.

LOPES, C. C.; RAMALHO, M. M. B. M. (2001) - Presença islâmica no Convento de S. Francisco de Santarém. In *Garb, sítios islâmicos do Sul peninsular*. Lisboa: IPPAR/Junta de Extremadura, p. 31-87.

MORENO GARCÍA, M.; GABRIEL, S. (2001) - *Faunal remains from Islamic contexts at Núcleo Arqueológico da Rua dos Correios, Lisbon*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia (documento policopiado).

